



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES E
INTERCULTURAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

MARCELO SILVA BORGES

**DO COLÉGIO ESTADUAL FILADELFIA AO ESPORTE CLUBE YPIRANGA:
REFLEXÕES PARA UM NOVO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

MARCELO SILVA BORGES

**DO COLÉGIO ESTADUAL FILADELFIA AO ESPORTE CLUBE YPIRANGA:
REFLEXÕES PARA UM NOVO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**

Relatório/Projeto de Intervenção Didático-Pedagógico apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Ferreira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

B733d

Borges, Marcelo Silva.

Do Colégio Estadual Filadélfia ao Esporte Clube Ypiranga : reflexões para um novo projeto político pedagógico / Marcelo Silva Borges. - 2022.

44 f. : il., color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Instituto de Educação a Distância, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira.

1. Antirracismo - Vila Canária (Salvador, BA). I. Colégio Estadual Filadélfia - Projetos. II. Esporte Clube Ypiranga - História. III. Santana, Apolinário, 1902-1955 - Biografia. IV. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 379.15408142

MARCELO SILVA BORGES

**DO COLÉGIO ESTADUAL FILADELFIA AO ESPORTE CLUBE YPIRANGA:
REFLEXÕES PARA UM NOVO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**

Relatório/Projeto de Intervenção Didático-Pedagógico apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

Aprovado em: 11/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Neilton da Silva

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Prof.^a M.^a Bárbara Cristina Paulucci Cordeiro Martorelli

Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM

RESUMO

O presente trabalho explora a relação comunitária entre o Colégio Estadual Filadélfia e o Esporte Clube Ypiranga no bairro de Vila Canária na Cidade de Salvador, Estado da Bahia. Tem por objetivo descrever projeto de intervenção realizado com a turma 2º ano do Ensino Médio. Analisa em que medida os estudantes desta escola conhecem a história do clube. Apresenta pontos inerentes ao protagonismo do clube na inclusão de pessoas negras no futebol. Explora, de forma breve, a biografia de Apolinário Santana, apelidado de Popó, e tido como o primeiro jogador negro de destaque na Bahia. Indaga sobre a mudança do espaço escolar, que passará a funcionar no espaço que foi do Clube. Mobiliza discussões sobre a necessidade de um possível novo Projeto Político Pedagógico da escola. Fundamenta-se em discussões sobre a interdisciplinaridade, interculturalidade e a importância da luta antirracista. Utiliza como recurso metodológico uma base de registros da intervenção realizada com os estudantes, bem como toma posse diversas fontes que disponibilizam dados sobre o Esporte Clube Ypiranga e o Colégio Estadual Filadélfia. Conclui que há um conhecimento razoável por parte dos estudantes sobre a história do Clube e suas personalidades.

Palavras-chave: Antirracismo - Vila Canária (Salvador, BA). Colégio Estadual Filadélfia - Projetos. Esporte Clube Ypiranga - História. Santana, Apolinário, 1902-1955 - Biografia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3	DO FILADÉLFIA AO YPIRANGA: FUSÃO INTERINSTITUCIONAL	23
4	PERCURSOS DA INTERVENÇÃO.....	26
5	“TÁ LA O CORPO ESTENDIDO NO CHÃO”: REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA	32
	Referências	36
	ANEXO 1 - QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMULÁRIO	40
	ANEXO 2 - REGISTROS FOTOGRÁFICOS.....	41
	ANEXO 3 - REGISTROS FOTOGRÁFICOS.....	42
	ANEXO 4 - REGISTROS FOTOGRÁFICAS.....	43
	ANEXO 5 - REGISTROS FOTOGRÁFICOS.....	44

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório de intervenção, fruto do trabalho de pesquisa, tem por objeto de análise a representação de um tradicional clube de futebol numa comunidade da periferia de Salvador e os impactos numa determinada escola da rede pública estadual de ensino.

Na orla do espaço que sediava o Esporte Clube Ypiranga (ECY), localiza-se o Colégio Estadual Filadelfia (CEF), unidade escolar que serviu como campo de pesquisa para a referida intervenção. A história do Clube, levada para os estudantes do Colégio, sustentou uma questão inerente ao seu passado de glórias, movido não só por títulos no futebol, mas pela participação, pioneira, das classes populares no esporte profissional da Bahia. Há 3 quilômetros desta localidade, encontra-se outra história importante de ressignificação de um bairro por causa do futebol: as instalações do Esporte Clube Vitória, no Bairro de Canabrava, onde se via o maior aterro sanitário da Bahia, mas que teve o seu destino moldado com a chegada do Clube na localidade. Embora tenha o Esporte Clube Bahia como grande paixão e referência, reconhecemos que estes dois Clubes tiveram uma inserção comunitária fundamental na história do futebol baiano.

A questão problematizadora da pesquisa passa por compreendermos: *em que medida os estudantes do Colégio Estadual Filadelfia conheciam e se identificavam com a história do Esporte Clube Ypiranga?* Com isso, foram apresentadas diversas peculiaridades sobre “O Mais Querido”, apelido de honra do clube, a exemplo de alguns torcedores ilustres como: a Santa Dulce dos Pobres, o escritor Jorge Amado, o cantor Dorival Caymmi, dentro outros. Na abordagem, destacamos a história de Apolinário Santana (o Popó), primeiro homem negro a ser inserido no futebol da Bahia, que encabeçou um movimento de popularização do futebol no estado a partir da abertura do Esporte Clube Ypiranga (ECY).

Um dos membros do grupo de pesquisa atuou como Coordenador Pedagógico do Colégio Estadual Filadelfia, cuja atividade consistiu na época, em orientar, coordenar e mediar a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, tarefa que ficou inconclusa devido ao seu pedido precoce de exoneração. Contudo, fizemos o resgate de parte dos registros contidos no projeto da escola e percebemos uma tímida menção ao ECY, embora nos esboços a história do bairro de Vila Canária aparecesse de forma expressiva. Foi neste sentido que resolvemos mergulhar na

história do Clube, com vistas a uma maior mobilização juvenil, interdisciplinar e intercultural.

O objetivo geral do trabalho é: Promover/Proporcionar o resgate de memórias dos estudantes do Colégio Estadual Filadélfia sobre a história do Esporte Clube Ypiranga, a partir de um conjunto de ações pedagógicas com potencial reflexivo à (re)constituição da identidade/pertencimento dos atores e à construção do PPP da escola na comunidade de Vila Canária. Antes, é preciso dizer que sou soteropolitano, nascido no bairro de Cosme de Farias, que homenageia um dos maiores ícones da luta popular na cidade de Salvador, principalmente na luta contra o analfabetismo.

No caso, minha formação inicial em Pedagogia (Faculdades Olga Mettig), corroborou com os anos de atuação na Secretaria de Educação no Estado da Bahia (SEC), onde iniciei minha trajetória profissional como menor aprendiz em 1996. De forma intermitente, atuei até o ano de 2019 naquela estrutura governamental. Especializei-me em Gestão e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Candeias e em Filosofia Contemporânea pela Faculdade Mosteiro de São Bento; defendi dissertação de mestrado em 2013 pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em pesquisa com foco no Regime de Colaboração em Educação. Atualmente atuo como Coordenador Pedagógico efetivo de uma escola da rede municipal de educação de Salvador e na vice direção do Colégio Augusto Comte, ligado à rede privada de ensino.

Embora não esteja em atuação no Colégio Estadual Filadelfia (CEF), a escolha como campo da intervenção que sustenta este trabalho, deve-se ao vínculo que foi relatado acima, bem como ao conhecimento da realidade socioeducacional desta unidade escolar, que nos instigou quanto à sua proximidade com o ECY. O CEF fica localizado no bairro de Vila Canária, que por sua vez faz parte da microrregião de Pau da Lima, Bahia, caracterizada por ser um território denso, periférico, composto por áreas residências e pontos comerciais. Notamos a precariedade do prédio escolar, que é locado para essa unidade de ensino, que é tida como de grande porte, pela quantidade de estudantes que comporta.

O funcionamento se dá em três turnos, sendo que o matutino oferta o Ensino Médio, o vespertino o Ensino Fundamental [Anos Finais] e o noturno, divide-se entre o Ensino Médio Regular e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). No exercício de 2021, a escola teve um contingente de matrículas de 752 estudantes, sendo que, do total, 245 estudantes vinculados ao Ensino Médio.

O foco da intervenção se deu em uma das turmas do 2º ano do Ensino Médio regular. Com o advento da pandemia¹ e o avançar dos prazos da pesquisa, optamos por trabalhar com esse público por entendermos que a agenda do ENEM está voltada para o 3º ano do ensino médio com maior exigência no trabalho para os resultados no exame, enquanto que a atuação no 1º ano do ensino médio, consideramos a pouca maturidade dos jovens para debater a temática. O contexto da pandemia atingiu de forma considerável a rotina de todas as unidades escolares. Com o CEF não foi diferente. O retorno presencial, no regime híbrido, só ocorreu em meados do segundo semestre do corrente ano. Previmos, inclusive, uma intervenção por mecanismos remotos, devida a ausência de segurança quanto ao público esperado para o retorno das aulas presenciais.

Quanto à produção deste material, no parágrafo sobre a fundamentação teórico e metodológica, exploramos nos aspectos teóricos os conceitos de juventude, demarcando a atuação com a adolescência do ensino médio, bem como categorizando a juventude negra soteropolitana. Neste caminho, fez-se necessário explorarmos a questão da luta racial, com ênfase nos dados da população negra da Bahia e no contingente de pessoas declaradas negras no banco de dados de matrícula da rede estadual. Estas reflexões se entrelaçaram aos conceitos de comunidade, bairro, território e uma crítica ao perfil de identidade local. Esta identidade, quando explorada, apontou para a instituição Esporte Clube Ypiranga, sua história e personalidades, na inclusão de pessoas negras no futebol profissional.

Abordamos a fusão interinstitucional entre o CEF e o ECY, na medida em que a escola passará a funcionar no espaço do clube. Nos aspectos metodológicos, discorreremos sobre os instrumentos e procedimentos da pesquisa, tendo como base a análise de dados oriundos de prática pedagógica. Logo após, nas seções subsequentes, discorreremos sobre a intervenção de forma pragmática, para em seguida analisarmos os resultados da ação, estabelecendo um parâmetro de conclusão.

¹ A Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou *estado de emergência em saúde de caráter internacional*, por causa da pandemia do coronavírus, no dia 11 de março de 2020, indicando a todos os países isolamento social, levando assim ao fechamento das escolas por quase 2 anos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As concepções abordadas na análise feita, partem dos conceitos: Juventude, Juventude Negra, Luta Racial, Território-Comunidade, Identidade, Esporte, numa perspectiva interdisciplinar e intercultural. Não se pretende esgotar nenhum destes conceitos, mas explorá-los de modo geral, tecendo-os como lastros suficientes para as nossas discussões relacionadas ao objeto em questão.

Primeiramente, apontamos que as nossas abordagens são desenvolvidas dentro de um espaço-tempo, que diz respeito ao cenário letivo do ano de 2021, em dada realidade escolar específica. Assim sendo, as possibilidades de intervenções se deram diante das condições permitidas pela escola no contexto da pandemia. Diante dos fatores condicionantes, fizemos uma consulta à gestão da unidade quanto ao retorno presencial das atividades escolares, com vista às condições para a intervenção. As informações disponibilizadas apontaram para um cenário otimista em relação à retomada de aula no pós-pandemia e com o programa de vacinação, seguida da adesão ampla da sociedade brasileira, que possibilitou a abertura de um ciclo ao novo normal. Mas cabe destacar, que o processo de acolhimento no período de isolamento, por meio de plataformas virtuais e uma agenda de mobilização, garantiu bons resultados no retorno presencial do Colégio Estadual Filadelfia. A unidade escolar, mesmo antes do período pandêmico, empreendia importantes ações no âmbito pedagógico no que tange aos níveis de proficiência no Ensino Médio, como demonstram os resultados de avaliações externas, com a nota do IDEB acima da média da rede estadual:

Tabela 1 - Comparativo do IDEB

IDEB	MÉDIA 2019	PROJEÇÃO PARA 2021
Estado da Bahia	3.2	4.5
Colégio Estadual Filadelfia	3.7	3.9

Fonte: INEP.

A Tabela 1 aponta um resultado que, possivelmente, reflete o esforço de uma unidade escolar um tanto integrada e coesa, que mesmo com as condições precárias de infraestrutura, aparenta buscar uma organização pedagógica exitosa. Os dados

das avaliações externas, embora parametrizados em descritores pontuais e questionários socioeconômicos, terminam por provocar uma ampla reflexão sobre a proposta pedagógica de cada unidade escolar que é avaliada. Neste sentido o currículo ganha um destaque sob um olhar crítico.

O currículo e a organização didático-pedagógica do CEF (e demais escolas da rede estadual) são multidisciplinares, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Esta caracterização pode distanciar as unidades escolares de um trabalho integrado/interdisciplinar, para ir além de ações pontuais, quando promovidas por meio de projetos escolares.

Com base nos estudos de Fazenda (1998) o conceito de multidisciplinaridade se dá nos seguintes termos “[...] gama de disciplinas que se propõem simultaneamente, mas sem fazer aparecer as relações que possam existir entre elas; destina-se a um sistema de um só nível e de objetivos múltiplos, mas sem nenhuma cooperação”. (FAZENDA, 1998, p. 68).

Como expõe a autora, o modelo multidisciplinar se constituiu em um sistema não-cooperativo, embora contenha em si uma diversidade de objetivos. As muitas disciplinas que compõe a matriz curricular nas escolas de educação básica, em suas ementas, enfatizam premissas estritamente conteudistas, por meio de planos de cursos a exemplo, que se instituem como base para cada docente, e não como esteio para um corpo docente integrado.

Neste sentido é que a ideia de ambiguidade se interpõe nas análises de Fazenda (1997), na medida em que as contradições das práticas pedagógicas são desenvolvidas e observadas. Assim sendo, a interdisciplinaridade é instituída como um elemento de superação de certas ambiguidades como uma exigência da educação, abrindo espaço para novas formas de cooperação no contexto escolar.

Ainda com base na sistematização nos estudos de Fazenda (1998), a Interdisciplinaridade “destina-se a um sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos onde há coordenação procedendo do nível superior.” (*apud* FAZENDA, 1979). Mediante estas premissas, podemos inferir, *a priori*, que as contradições e ambiguidades nas práticas pedagógicas, não são superadas totalmente com o advento da interdisciplinaridade. Embora Japiassu (1976) já tivesse sinalizado décadas antes, que o estudo sobre esta área “trata-se de um gigantesco, mas indispensável esforço que muitos pesquisadores realizam para superar o estatuto da fixidez das disciplinas” (JAPIASSU, 1976, p. 56).

O caráter de hierarquização no qual expõe Fazenda (1998), demonstra haver uma verticalização dos processos de tomadas de decisão que desfavorece atitudes interdisciplinares horizontais e de modo mais cooperativo, de fato. Dessa maneira, nos diz que:

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida. (FAZENDA, 1994, p. 82).

O processo formativo, neste curso de especialização, deixou importantes referências quanto à problemática da interdisciplinaridade, até por ser uma questão recorrente nos componentes curriculares da matriz, junto ao conceito de interculturalidade.

Em se tratando dos aspectos metodológicos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, faz-se imprescindível colocar em evidência a questão interdisciplinar na tentativa de superação de estruturas estritamente multidisciplinares. Este fator implica investimentos em formação docente continuada e em serviço. Estudos de Fazenda (1998; 1997), Libâneo (1994), Tardif (2002), agregam um conjunto de reflexões sobre as práticas docentes, diante dos desafios sobre a interdisciplinaridade no contexto escolar e outros diversos aspectos. Para além do que referendam os autores, há um processo de produção de conhecimento (em educação) com base em intervenções na educação básica que retroalimentam estes e outros debates importantes na área educacional.

No texto “*Interdisciplinaridade: experiências com estudantes do Ensino Médio sobre sustentabilidade*” (AMARAL-ROSA, et al, 2020), os autores relatam uma prática educativa interdisciplinar com base na composição de “Modelagens”, tomando como eixo estruturante o tema da sustentabilidade. A construção didática, por meio de Modelagem proposta às turmas do ensino médio (em uma determinada realidade escolar) se deu pela construção de protótipos de forma cooperativa entre estudantes das diversas turmas.

Um processo de integração permanente foi estabelecido entre o corpo docente e a comunidade escolar, fundamentado em diversos princípios do trabalho interdisciplinar (cooperação, colaboração, integração etc.). Amaral-Rosa *et al* e os autores expressam no texto em questão a seguinte premissa:

No contexto educacional, a interdisciplinaridade busca romper com o ensino fragmentado, proporcionando a integração de diferentes áreas do conhecimento, na contextualização dos conteúdos escolares ou na resolução de um problema real, aproximando educadores e educandos e promovendo um ensino contextualizado que facilita o processo de aprendizagem” (2020, p. 474).

A estratégia do ensino contextualizado, como apresentada, ocorre em consequência de um esforço da integração interdisciplinar. Este movimento, recorrentemente, mobiliza espaços escolares a uma rotina de produção para além das organizações convencionais, desafiando rotinas educativas e situações didáticas. Recorrem, por fim, a Fazenda (2009) quando esta versa que a interdisciplinaridade “[...] não se restringe à sala de aula, mas ultrapassa os limites do saber escolar e se fortalece na medida em que ganha a amplitude da vida social.” (Apud FAZENDA, 2009, p. 65). Neste caminho, teoria e prática convergem para um entrelaçamento imprescindível à intervenção pedagógica, com vista a um salto qualitativo em processos formativos, principalmente no âmbito da educação básica.

Em linhas gerais, o conceito de interculturalidade implica reflexões sobre a diversidade cultural e as possibilidades de convivência social. Em observância aos processos civilizatórios e aos direitos humanos fundamentais, a garantia dos diversos grupos étnicos e das muitas liberdades individuais, dependem crucialmente do cultivo de valores não discriminatórios.

Para Moya (2007, p. 247), o fenômeno da interculturalidade remete-se “à diversidade étnica, aos particularismos culturais e às formas em que essas relações atuam na convivência social”. No caso, a ideia de *relação* e *convivência* implicam a consideração de aspectos gerais e específicos dos direitos individuais e de axiomas universais. Do contrário, a não-superação das contradições, o alijamento de direitos básicos e as discriminações em geral, se perpetuarão como formas de subordinação de um grupo étnico sobre outro(s), do ponto de vista cultural, religioso, político, econômico etc.

A educação se institui como um caminho possível de superação destes dilemas humanos. Diante da complexidade dos estados nacionais, tendo como pano de fundo um mundo globalizado, múltiplas identidades convivem, historicamente, em constantes conflitos. Neste cenário heterogêneo, disputas de poder se instituíram por meio das colonizações, extrativismo e relações comerciais, que na maioria dos casos terminaram em guerras, pilhagens e concentração de riquezas nas mãos de possíveis “vencedores”. Como se não bastasse a fratura exposta em comunidades tradicionais, países e até continentes inteiros (com a devastação econômica e o extermínio humano) a história e cultura de muitos povos foram demonizadas, expropriadas e silenciadas, dificultando, inclusive, o legado identitário às gerações seguintes.

No caso do Brasil, o processo educacional se estruturou com base na violenta relação entre Portugal e alguns países africanos, a exemplo de Angola, bem como por via da agressão aos povos nativos daqui. A formação da sociedade brasileira se deu com ênfase no legado da cultura lusitana, eurocêntrica, tendo como disseminação de valores as premissas colonialistas, cristãs-ocidentais. Na matriz de organização da nação brasileira, as populações negras e indígenas sempre foram subalternizadas, sem acesso pleno aos direitos de estado e à margem do imaginário social positivo. A escola, neste sentido, se estabeleceu como reprodutora de um currículo unilateral, com ênfase na cultura e organização social herdada pela filosofia ocidental e pela via da negação e silenciamento das demais culturas que resistiram à margem do ordenamento oficial.

O protagonismo da diversidade se torna possível pela via de uma política educacional com base nos direitos humanos. O imperativo da interculturalidade, se viabiliza como possível, se implicado com uma ruptura epistemológica e de currículo, que no caso brasileiro passa pela garantia do “lugar de fala” da ancestralidade africana e indígena, em diálogo com a já estabelecida cultura europeia. Em meio às muitas lutas dos movimentos sociais, na luta antirracista, o direito a uma educação que valoriza a história e cultura afro-brasileira e indígenas, ganharam força na medida em que o fruto da residência deu guarida a um aparato legal, a exemplo da lei 10.639/2003 e 11.645/2008. Neste sentido Gomes (2012) expõe:

[...] a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação anti-racista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afrobrasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo

intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um “outro”, conquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. E nesse sentido, incorpora conflitos, tensões e divergências. Não há nenhuma “harmonia” e nem “quietude” e tampouco “passividade” quando encaramos, de fato, que as diferentes culturas e os sujeitos que as produzem devem ter o direito de dialogar e interferir na produção de novos projetos curriculares, educativos e de sociedade. (GOMES, 2012, p. 105)

Ao tempo que toca em feridas históricas bastantes sensíveis, a autora também indica possíveis antídotos para remediar o caso em questão. De fato, o silenciamento das culturas subalternizadas, sempre foi um entrave à perspectiva da interculturalidade, devido ao cerceamento de “fala” e anulação do “outro”. A imagem de uma nação costeira, ribeirinha e harmoniosa (bastante utilizada nos livros didáticos tradicionais) não condiz com a sustentação de uma educação emancipatória de fato, que mesmo em meios às divergências e contradições, possibilitasse aos sujeitos avançarem socialmente, de forma igualitária.

O aspecto territorial, nesta fundamentação teórica, se torna um também um elemento de destaque junto ao conceito de juventude, juventude negra. De forma antecipada, a intervenção realizada levou em consideração o aspecto etário e de moradia da turma do 2º ano do Ensino Médio; constatamos que, em média, 90% destes estudantes residem no bairro onde estudam. O dado em questão foi obtido em diálogo com uma representante da secretaria escolar, que por sua vez utilizou do sistema de cadastramento e matrícula da rede estadual para consultá-lo. Diante do exposto, e já antecipando breves aspectos de nossas conclusões, entendemos que há diversas lacunas entre o que estes adolescentes sabem, conhecem e consideram sobre o(s) território(s) em que vivem. Há, possivelmente, um limitado envolvimento comunitário em suas práticas sociais, talvez pela pouca identificação com a história local, em contrapartida ao envolvimento intensivo com a liquidez das relações globais. (BAUMAN, 2001; HALL, 2005).

Esta última afirmação, assenta-se em nossas impressões vivenciadas nas escolas de educação básica, bem como em estudos recentes sobre os aspectos geracionais (OLIVEIRA, PICCININI, BITENCOURT, 2012; SANTOS e LISBOA, 2013), que categorizam os perfis etários de acordo ao contexto nos quais os grupos estão inseridos. A exemplo, podemos denominar grupos como: nativos digitais, geração z, y, etc. Estes, possuem características peculiares com a questão espacial e temporal, diferentemente de outras gerações, que tinham no tempo e espaço da comunidade o

único território de interação social possível; há no perfil da juventude atual, assim nos parece, uma identificação com o mundo disponível nas redes sociais, acessado por meio de dispositivos de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC).

No diálogo com Groppo (2000), temos que:

A juventude como categoria social não apenas passou por várias metamorfoses na história da modernidade. Também é uma representação e uma situação social simbolizada e vivida com muita diversidade na realidade cotidiana, devido à combinação com outras situações sociais – como a de classe ou estrato social -, e devido também às diferenças culturais, nacionais e de localidade, bem como às distinções de etnia e de gênero (GROPPO, 2000, p.15).

Corroboramos com o autor, na medida em que nos identificamos, por meio de diversas vivências escolares e comunitárias, com tais mudanças nas últimas décadas no perfil das juventudes. Os fatores de acessibilidade e permanência às redes de ensino (tanto na educação básica, como no ensino superior), a abertura de variados mercados, o crescimento da prestação de serviços autônomos e o empreendedorismo em geral – junto ao fetiche das redes sociais, por meio das TIC – abriram um vasto campo de possibilidades à geração jovem atual, dando uma perspectiva emancipatória, possivelmente, mais ampla que a de gerações anteriores.

Junto às reflexões, há dicotomias importantes a serem consideradas, a saber: a dialética entre o local e o global, entre os fenômenos identitários de raça e gênero, e a própria amplitude das relações cotidianas, que tendem a moldar uma espécie de juventude pouco ávida às relações comunitárias de base, neste caso específico do centro urbano da capital soteropolitana.

Os dados consolidados do Censo Educacional da Bahia (2019), apontam que 88,1% dos matriculados no Ensino Médio se autodeclararam como pessoas de cor/raça Preta/Parda; 10,7% se identificam como de cor/raça Branca; e 1,2% se declaram Amarelo/Indígena. 33,1% não se posicionaram, eximindo-se da autodeclaração. Quando observamos o *Mapa da População Preta e Parda no Brasil* (IBGE, 2010), do último censo, a cidade de Salvador é a que possui a maior quantidade de pessoas, autodeclaradas, negras, ou seja, os Pretos e Pardos. A análise destes dois dados, implica para nós uma demarcação importante da população estudantil das redes pública de educação. Podemos identificá-la como um Juventude Negra, majoritariamente, o que implica refletirmos com isso, todos os demais indicadores que afetam esta população em sua condição de sobrevivência.

Um dos aspectos mais alarmantes, diz respeito à dizimação da população negra, no contexto dos bairros periféricos da capital baiana. Em relatório publicado em novembro de 2021, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) apontou que 100% das pessoas assassinadas pela polícia baiana eram negras. Dentre estas, a sua maioria jovens entre os 25 e 29 anos. Esta realidade deixa os bairros periféricos em vulnerabilidade, pois junto a isto apresentam um grande índice de desemprego, dificuldades no acesso à renda, evasão escolar expressiva, guerra entre facções criminosas e destacado índice de gravidez na adolescência.

Em recente pesquisa apresentada na forma de trabalho de conclusão de curso realizado pela UNILAB, Cavalcante (2019) nos diz que:

Para reiterar a discussão é preciso destacar outra categoria: a juventude negra. Ao especificar juventude negra como uma categoria analítica desacoplada da juventude, busca-se visibilizar as especificidades atreladas a essas vivências por conta das condições de raça/etnia, classe e gênero, pois o fato de possuir um recorte geracional e étnico carrega consigo particularidades sócio históricas, artísticas e políticas das realidades desses sujeitos, além de que contrapõe o padrão ideal burguês de juventude. (CAVALCANTE, p. 17, 2019).

Os recortes propostos por este autor, ao categorizar à juventude negra, demarcam especificidades de um grupo social que tem recortes etário e étnico específicos, expressos e traduzidos em demandas positivas (quanto ao caráter de criação artística), bem como aspectos negativos (com o advento da discriminação e mortandade).

Com base em dados fornecidos pela secretaria do Colégio Estadual Filadelfia, trabalhamos com a idade média, de um perfil juvenil adolescente, dos 15 aos 17 anos, em que vale ressaltar a questão desafiadora para a fase escolar: o abandono desses jovens do Ensino Médio é estimado em 14,5%. Segundo informações disponibilizadas pela escola, dos períodos letivos de 2018 a 2020. A maioria destes, possivelmente, não retomam os estudos, ou quando retornam, matriculam-se nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Neste íterim, importa o entendimento a partir dos estudos de Carrano (2002; 2005) de que as reflexões sobre a Juventude(s) são plurais, não homogêneas. O autor busca uma ruptura com noções de juventudes descoladas da diversidade que a constitui. No caso específico deste estudo, a categorização de um perfil

juvenil/adolescente demarca importante território da intervenção realizada, situando as possibilidades didáticas e estratégias mais viáveis a este público.

Com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e IBGE (2010), a adolescência compreende a faixa etária dos 12 aos 17 anos. Este contingente, segundo os dados de matrícula apresentados pelo CEF, diz respeito aos estudantes do 6º aos 3º anos, com exceção aos que se encontram em distorção idade-série. É esta juventude negra, adolescente, e suas expectativas de formação social, que norteou a nossa intervenção pedagógica. As histórias de vidas das muitas juventudes, se dão, reiteramos, por meio de implicações ligadas aos diferentes contextos da localidade, das culturas que por ali estão integradas e, por conseguinte, a identidade territorial. Embora a juventude negra de Salvador esteja sujeita às mesmas dificuldades oriundas das questões fundamentais à cidadania, como: acesso à educação, saúde, condições de segurança entre outros, nos diversos bairros populares da cidade, as distintas localidades terminam por serem (ou não) espaços viáveis de articulação para movimentos emancipatórios.

A cidade de Salvador, vista de modo estratégico, necessita de uma atenção singular por ser um território estimulador da geração de emprego e renda, pois com o processo migratório, que antes tinha como foco os estados do sudeste, passou a aumentar para a capital baiana, que vem crescendo exponencialmente em 1 milhão de habitantes a cada 10 anos, segundo dados da SEI² (2010).

Com os dados observados nos últimos anos, realidade preocupante se apresenta, como: 1 – o crescimento da população de rua, principalmente no centro da cidade; 2 – o crescimento de novos moradores em moradias precárias, nos bairros da periferia. Regiões como a do bairro de Pau da Lima, Vila Canária, Cajazeiras e Valéria, são compostas de parte por migrantes do centro de Salvador e parte por uma população advinda de diversos outros Territórios da Bahia.

Os desafios sociais vêm aumentando nas comunidades populares neste contexto. O comércio de rua cresce exponencialmente. Os filhos e filhas, jovens negros e negras destes trabalhadores é quem se vinculam às estas unidades escolares dos bairros de periferia. Unidades estas, que em sua maioria, funcionam em prédios alugados, pois foram instituídas de forma aligeiradas, tendo em vista suprir o crescimento populacional dos últimos 30 anos em Salvador.

² Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.

Arriscamos dizer que este fenômeno talvez explique o distanciamento de muitos jovens no engajamento comunitário, pois boa parte deles não nasceram no local ou seus pais vieram de outros bairros para construir habitações, em ocupações populares, na localidade. Somam-se também aos nativos, que terminam por não demonstrar envolvimento com a história do local, muitas vezes estigmatizados pela violência e pela falta de acessibilidade.

Assim, buscamos subsídios em Geraldo (2015) que nos diz:

A população jovem em especial é estigmatizada de forma negativa por morarem em uma localidade marcada por um quadro de desigualdade, pobreza e violência. Ser jovem e morador de periferia traz um desafio maior, o de romper cotidianamente uma lógica cruel de discriminação, inverter essa lógica num sentido próprio de viver, ir para além das barreiras impostas e identificar nos problemas do bairro estratégias de enfrentamento, buscando pensar os problemas coletivamente e trazer as possíveis soluções. Buscar na história do bairro e nas suas memórias coletivas elementos para a construção de uma identidade que fortaleça o sentimento de pertencimento ao lugar que reside e habita. O resgate das narrativas de experiências partindo da riqueza cultural do bairro. (GERALDO, 2015, p. 06)

O estímulo a um sentimento de pertencimento, necessariamente, deveria passar por um currículo escolar ressignificado, que instigasse o protagonismo juvenil a uma formação comunitária, com base nos elementos trazidos pelo autor. Nesse caso, podemos refletir que o escopo de diversos Projetos Políticos Pedagógicos, provavelmente, busca fundamentar mais o calendário letivo do que aprofundar-se nos apontamentos ligados às práticas pedagógicas significativas.

Com o exposto, seria possível abordar um provável desencanto no âmbito do território e o que se revela no campo dos jovens de periferia. Talvez esse fosse um caminho de reestruturação de rotinas escolares, propostas pedagógicas, situações didáticas etc. Uma escola inserida numa comunidade não pode ser apenas uma estrutura predial que aglomere juventudes, ofertando processos formativos para o futuro distante. Em nosso entendimento, faz-se necessária uma ação propedêutica pelo conhecimento direcionado à resolução de problemas comunitários cotidianos. A noção temporal, com a dicotomia presente-futuro, coaduna, do ponto de vista da complexidade das relações sociais, com a categoria espacial, em vista da necessidade de reflexões sobre os aspectos territoriais e comunitários já, brevemente, explorado.

As condições comunitárias e de território, implicam nas histórias de vida dos sujeitos que sobrevivem a maior parte do tempo nestas localidades, principalmente

nos períodos de juventude. Crianças, adolescentes e jovens, vinculam-se às demandas de formação escolar em grande parte de suas vidas, sendo estas estruturas a principal política de estado descentralizada, e provável meio de superação da estratificação social. Contudo, as diversas questões sociais, não permitem o exercício de uma previsibilidade de futuro, visto às muitas carências que há na organização dos bairros.

Assim, Souza (2005) nos auxilia na reflexão acerca do tempo e espaço quando nos mostra que:

As noções de tempo e de espaço adquirem outros contornos em decorrência das mudanças sociais, políticas e econômicas pelas quais passa a atual sociedade, tudo resultando em significativas transformações culturais. Tal fenômeno causa a sensação de quebra de barreiras geográficas ou físicas. Por outro lado, provoca também estranhamentos diante de posturas e princípios tão diversos, frutos da maneira como cada coletividade humana organizou-se para dar conta das necessidades concretas e simbólicas de sobrevivência. (SOUZA, 2005, p. 28).

O dito estranhamento, na reflexão acima, pode ser uma possível causa de evasão escolar, ou até mesmo do baixo envolvimento da juventude. O disperso engajamento comunitário e escolar é um prenúncio de não-identificação, e não-reconhecimento da legitimidade do progresso pessoal pela via da instituição escolar.

A amplitude do debate que envolve os temas juventude, juventude negra, território, comunidade e escolarização, mereceria um estudo a parte, devido à complexidade do tema. Entretanto, não há como esgotarmos estas temáticas neste trabalho, pois há outros aspectos que são necessários discorreremos.

Há um fato notório a se observar sobre estas reflexões, que remonta às discussões sobre o mito da democracia racial no Brasil. Com a seguridade de acesso na educação básica e a ampliação de políticas compensatórias por transferência de renda, se estabelece uma realidade ilusória quanto à dívida racial que marca a história da última nação a abolir a escravidão. Entretanto, os dados gerais da sociedade brasileira, da natalidade à mortalidade, passando pelo acesso a emprego e renda, demonstram que a uma cor na questão social do Brasil.

É uma demanda importante a este estudo, fazer uma breve reflexão sobre a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no âmbito escolar, por meio da Lei 10.639/2003 e 11.645/2008, como dispositivos favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem inerente à história de vida da população africana e, principalmente,

afrodescendente no Brasil. De modo breve, podemos dizer que a democracia racial no Brasil, fundamenta-se em correntes de pensamentos que atribuem ao poder da lei a resolução das questões de desigualdade racial. Este atributo enquadra-se no que se denomina *Direito Positivo*. Entretanto, o advento da democracia moderna, garantida por conquistas sociais e assegurada por legislações nacionais e supranacionais, possui inúmeras contradições.

É inegável o valor da convivência democrática contra a incivilidade e a barbárie nos tempos modernos, contudo, os fetiches criados no bojo do sistema capitalista, fundamentado em economias de mercado e na redução do papel do Estado, contradizem os axiomas jurídicos, na medida em que ofertam possibilidades mínimas de estratificação social à grande massa: educação pública de baixa qualidade, unidades de saúde precarizadas, assistência social aparelhadas ao clientelismo, bem como nutrem uma organização social classista, elitista e plutocrática. As estruturas que conduzem este sistema são encabeçadas por uma lógica de pensamento colonial e *eurocentrado*, por via de uma subordinação das populações dos países em desenvolvimento, em favor das grandes corporações financeiras e industriais, detentoras do capital e seus meios de produção. (MÉSZAROS, 2005).

No Brasil, os povos africanos que para cá foram trazidos por meio da escravização, bem como os descendentes destes, sempre estiveram num lugar de exclusão, mesmo no período pós-escravidão. Já tratamos acima de diversos indicadores sociais que colocam a situação dos afro-brasileiros como uma grande questão a ser superada no Brasil.

Uma via de reparação, através de políticas educacionais, a partir dos anos 2000, foi instituída por três importantes ações de estado: 1 – A universalização das políticas de acesso de permanência na educação básica; 2 – A inclusão no currículo escolar do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena por meio das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008; 3 – A formulação da política de cotas para acesso ao Ensino Superior. Nos interessa neste momento, como dito, uma breve reflexão sobre o ponto 2. Este ponto, dialoga com a nossa intervenção na medida em que se propôs, dentre outras coisas, ao regaste da memória de uma personalidade negra no âmbito esportivo, como uma biografia e marco na história do futebol da Bahia e do Brasil.

No último dia 09 de janeiro, a lei 10.639/003 completou mais um aniversário, porém, nos questionamos se a efetividade dela se deu de fato nas ações educativas na educação básica. De forma inconclusiva, inferimos que o silenciamento de histórias

de vida como a do jogador Apolinário Santana, e de outras importantes personalidades negras, reforçam o mito da democracia racial, não só pela ausência de diretrizes governamentais mais pragmáticas, mas provavelmente também, pela lacuna nas propostas pedagógicas das unidades escolares, que mesmo com relativa autonomia, não conseguem, boa parte delas, imprimir uma formação que considere os aspectos em questão.

Vale ressaltar que de algum modo, a lei abordada, se institui como uma diretriz. Mesmo que alguns vetos a torna-se limitada (CARNEIRO, 2011), os artigos gerais publicizados já sinalizavam para um novo posicionamento diante de conteúdos e atitudes que ressignificassem a história e cultura afro-brasileira.

De forma positiva, Carneiro (2011, p. 22) diz que “trata-se de um marco na educação brasileira, porque introduz uma forma de valorizar a participação dos afrobrasileiros na história do país, e de resgatar os valores culturais africanos”. Outro ponto de destaque, diz respeito ao artigo que aponta o dia 20 de novembro como marco de luta – Dia Nacional da Consciência Negra – que institucionaliza uma agenda em valorização ao dia da morte de Zumbi dos Palmares, ícone da luta racial no Brasil. Porém, tópicos inerentes ao volume de conteúdo proposto pela lei, a serem considerados nas ementas de História do Brasil e Histórias das Artes foram vetados, junto ao tópico que deliberava sobre a formação docente. (CARNEIRO, 2011).

Por fim, em relação a esta discussão, nos angustia os possíveis silenciamentos na construção de um currículo sobre a História e Cultura afro-brasileira, no seio da capital com o maior número de pessoas negras no Brasil. Geralmente, há uma expressão de currículo, por via de projetos, que ocorre no contexto no mês de novembro, devido à data comemorativa citada acima. Contudo, assim nos parece, há uma lacuna nas rotinas didáticas cotidianas, quando se negam aprendizagens que poderiam favorecer o fortalecimento de identidades, via o regaste de importantes instituições e personalidades locais, que de forma positiva, empreenderam um protagonismo negro na história da nação.

De modo breve, também importa uma discussão sobre as nossas impressões sobre o tópico de gestão escolar que estão implicadas neste trabalho. Ao trabalharmos com a questão do planejamento da escola, sobretudo, na elaboração do Projeto Político da Escola e o que representa para os estudantes-jovens da escola-campo, podemos trazer Luck (2009, p.32) no debate educacional. Nesse caso, temos a formulação de que “o planejamento envolve, antes de tudo, uma visão global e

abrangente sobre a natureza da Educação, da gestão escolar e suas possibilidades de ação”. Assim, buscamos na etapa de planejamento uma construção racional, de algo que pareceu viável, abrangente e relevante para a comunidade escolar em questão.

Como atributo do planejamento, a organização do trabalho pedagógico, valendo-se dos percursos didáticos, ancora-se em processos avaliativos que nos auxilia na aferição das demandas educacionais, ao invés de posicionar a avaliação como um mero apêndice, ou algo finalístico.

Luckesi (1983), traz uma reflexão importante quando estabelece que a ação docente deve se dar de forma colaborativa, partindo de um sujeito consciente, conjuntamente com outros sujeitos. Este princípio é um ponto de estrangulamento nas políticas educacionais brasileiras e nas ações educativas, pois se observa que o caráter de verticalização das políticas desmonta e enfraquece a ideia de participação e colaboração, esvaziando o sentido das práticas. Contudo, na demanda em questão, tanto as orientações da instituição formadora, como o diálogo constante entre os membros da equipe e a unidade escolar, mostram-se imprescindíveis para a viabilidade das ações.

3 DO FILADÉLFIA AO YPIRANGA: FUSÃO INTERINSTITUCIONAL

A migração do Colégio Estadual Filadelfia, campo desta pesquisa, para as instalações do Esporte Clube Ypiranga (ECY), é um evento de grande impacto comunitário, sobretudo, porque movimenta a comunidade escolar para um espaço, potencialmente multifacetado, e que possui um sentido relevante por ter sido a sede do clube esportivo mais inclusivo da história da Bahia.

O ECY nasceu para o cenário baiano em 1906, em um dia 7 de setembro. A sua primeira denominação foi Esporte Clube Sete de Setembro, criado em 17 de abril de 1904. A motivação para a criação do Clube se deu por meio da obstinação de jovens excluídos da sociedade e humildes trabalhadores, que eram impedidos de participarem de clubes por fatores étnicos, sociais e econômicos. Não só o futebol era a tônica dos clubes esportivos, mas outras diversas modalidades. Em relação aos seus trunfos, o Ypiranga foi por 10 (dez) vezes campeão baiano, alcançando,

repetidamente, diversos títulos, antes mesmo do Esporte Clube Bahia e do Esporte Clube Vitória, os dois maiores times do Estado da Bahia nos dias atuais. Em 1951, o ECY teve o seu último título conquistado na elite do futebol baiano.

O seu primeiro título foi em 1917, ano um emblemático cenário internacional devido à revolução russa. Este grande e primeiro feito foi numa disputada com seis times, no qual ganhou praticamente todos os jogos, em um campeonato de pontos corridos. Há na história do Clube um bicampeonato brilhante, em 1920-1092, com 21 (vinte e uma) vitórias, um embate e uma derrota nos dois anos somados.

Tabela 2 - Títulos do Esporte Clube Ypiranga

TORNEIOS	QUANTIDADE DE TÍTULOS	ANOS
CAMPEANATO BAHIANO	10	1917, 1918, 1920, 1921, 1925, 1928, 1929, 1932, 1939 e 1951
TORNEIO INÍCIO DO BAHIANO	8	1919, 1922, 1929, 1933, 1947, 1956, 1959 e 1963
CAMPEANATO BAHIANO DA SEGUNDA DIVISÃO	2	1983 e 1990 (Invicto)
TORNEIO DOS CAMPEÕES DO NORTE-NORDESTE	1	1951

Fonte: <https://www.campeoesdofutebol.com.br/>.

Em Salvador não existia clube de maior torcida até a década de 1950, o que legou para o ECY o apelido de “*O Mais Querido*”. A história de um Clube, para além da participação daqueles que o fundaram, também é feita pela adesão de ilustres torcedores. No caso do ECY são inúmeras personalidades que se enamoraram pelo “o mais querido”. Vale destacar:

- Santa Dulce dos Pobres, a primeira Santa Brasileira, ícone na luta pelos desvalidos da cidade de Salvador;
- Jorge Amado, poeta e escritor;
- Dorival Caymmi, compositor;
- Mestre Pastinha, capoeirista etc.

Mas a personalidade de grande destaque do Clube, trata-se do jogador Apolinário Santana (O Popó), o primeiro jogador negro do futebol baiano, que ficou conhecido com o Craque do Povo. Evocar a memória de Popó, homem negro nascido no início do século XX, é trazer à tona um Brasil pós-abolicionista, potencialmente

agrícola, e com uma urbanização em desenvolvimento. Os descendentes de escravizados cresciam marginalizados, principalmente em capitais como Salvador, envoltos a um índice de analfabetismo que atingia mais da metade da população adulta.

Uma boa cena, sobre este cenário, viu-se na obra de teledramaturgia denominada *Sinhá Moça* (2006), do autor Benedito Ruy Barbosa. No capítulo derradeiro, é possível apreciar a formação de uma nação extremamente segregadora, mas que sempre romantizou a história dos subalternizados, oriundos de nações africanas e indígenas. Numa das cenas, representantes do estado brasileiro, entrega títulos de terras cultiváveis à descendentes de europeus, que migraram para o Brasil estimulados pelas ideias eugenistas. Na outra tomada, grupos de pessoas negras, recebiam cartas de alforrias, sendo libertadas da escravidão, e seguindo por uma estrada, num horizonte sem rumo definido.

Este pano de fundo, embora de ficção, reflete uma realidade à qual homens e mulheres, negros e negras, viveram e vivem no Brasil. As artes, bem como o desporto, tornaram-se assim elementos de resistência e (re)existência destes muitos excluídos do processo de desenvolvimento da nação. O Brasil agroexportador, da política do Café-com-Leite, nutriu as oligarquias, enquanto a população de um país pós-escravidão definhava por falta de políticas básica em saúde, educação e habitação. Já em 02 de dezembro de 1906 o primeiro samba foi gravado, através da composição de Donga. Revoluções, guerras e movimentos populares, de cunho racial, eclodiam em diversos espaços: Revolta da Chibata, Contestado, Canudos, Revolta da Vacina, Frente Negra no Brasil e na Bahia, dentro outras.

Nos esportes, a aristocracia ainda dominava os clubes, que serviam apenas a alta sociedade. Tal lógica foi quebrada no contexto baiano, com a fundação do Clube Ypiranga como já mencionado. E fundamentalmente, houve uma mudança de paradigma, quanto à representatividade, com a ascensão de Apolinário Santana.

“O Terrível”, como também foi conhecido, iniciou a sua carreira aos 14 anos. Nas décadas de 20 e 30, foi o maior jogador que atuou na Bahia, passando, além do Ypiranga, por clubes como o Botafogo-Ba, e Bahiano de Tênis. Seu maior triunfo foi vencer o racismo que imperava no futebol brasileiro, a ponto de seu exemplo estimular outros, como o Clube Vasco da Gama-RJ e o Botafogo-RJ, a incluírem jogadores negros. Apolinário Santana, *Popó*, também se consagrou bicampeão pelo Esporte Clube Ypiranga e foi eternizado por Jorge Amado, na obra *Bahia de Todos os Santos*.

Neste sentido, a história deste craque, junto à história do ECY, motivou a intervenção, que teve como intuito identificar possíveis narrativas entre os estudantes da escola, que se encontra alojada ao lado do antigo Clube e passará a funcionar dentro de suas dependências.

4 PERCURSOS DA INTERVENÇÃO

Nas narrativas iniciais, levantamos questões sobre a relação da escola com o bairro, bem como a integração da juventude em projetos de extensão escolar, o que nos levou a recorrer a história do Esporte Clube Ypiranga, imerso no bairro de Vila Canário, num espaço multifacetado com: campo de futebol profissional, quadra poliesportiva, piscina semiolímpica, capela, anfiteatro e outras dependências. Na busca por um sentido, na relação entre o CEF e o ECY, tivemos acesso a parte da biografia de Apolinário Santana (o *Popó*), bem como às narrativas históricas sobre o papel do ECY na inclusão social e luta antirracista.

Por conta da retomada das aulas presenciais, por meio do ensino híbrido, a abordagem que inicialmente seria feita por plataformas virtuais, deu lugar a necessidade de adequação do planejamento com o apoio da gestão da escola e os docentes envolvidos com a turma do 2º ano do ensino médio regular, público-alvo na proposta de intervenção. Com a garantia das turmas do Ensino Médio presencialmente na unidade escolar, revisitamos o planejamento em questão e adequamos este para uma intervenção híbrida (parte presencial e parte remota). No caso da demanda remota utilizamos o *Google Formulário*, como instrumento de coleta de narrativas dos discentes. Já nos tempos de intervenção presencial, estruturou-se uma rotina didática com os seguintes elementos:

- Acolhimento por via de dinâmica musical;
- Diálogos sobre a história do ECY;
- Apresentação de Personalidades que torciam para o ECY;
- Diálogos sobre a Apolinário Santana (o *Popó*);
- Escuta sobre a possibilidade de migração do espaço escolar;
- Escuta sobre o possível novo nome que deveria receber a nova escola.

Como recursos materiais, levamos instrumento musical para dar dinamicidade ao acolhimento dos estudantes. Projetamos em Data Show, a música “*Tempo*

Perdido”, da banda Legião Urbana (1986), que traz importantes questões sobre a relação da juventude com o seu tempo presente. Lançada na década de 80, a canção dialoga com adolescentes e jovens de forma anacrônica, em épocas distintas, mas que experimentam contextos políticos e sociais semelhantes. Assim sendo, esboçamos questões como: *O que acham desta canção? Se identificam com ela? Conhecem a Legião Urbana? Como gastamos o nosso tempo nas comunidades urbanas? Temos todo o tempo do Mundo ou sentimo-nos aprisionados ao tempo dedicado às tarefas escolares e pessoais? O tempo que tenho no bairro, me fez conhecê-lo melhor? O que sei sobre a história do bairro que moro?* Tínhamos por intenção, problematizar a relação vida, tempo e história na juventude, na tentativa de favorecer às reflexões que se implicariam a partir do segundo momento da rotina didática.

Para a exposição temática, organizamos slides em *Power Point*, com imagens e tópicos de textos que remetem ao objeto em questão e distribuímos, fisicamente, fragmentos de textos que remetem à contextualização histórica do tema, como demonstra a figura abaixo

Figura 1 - Momento de contextualização por meio de imagem



Fonte: Acervos dos autores.

Os fragmentos de jornais de época, que remetem a críticas sociais e esportivas da primeira metade do século XX, colaboraram na busca por um entendimento histórico envolvendo o nascimento do Esporte Clube Ypiranga no cenário em questão. Com as figuras apresentadas fizemos uma leitura polissêmica, de forma colaborativa, explorando as imagens, as chamadas textuais destacadas nos títulos, bem como o desenvolvimento das notícias.

Figura 2 - Exposição de imagens impressas



Fonte: Acervo dos autores.

Em princípio, os estudantes reagiram sem expressiva empolgação. Do início ao fim da mediação, poucos se manifestaram, opinando sobre os conhecimentos discutido, e trazendo exemplos relacionados à vivências comunitárias no bairro e na escola. Como estratégia de mobilização para participação, propomos um sorteio de ingressos para o cinema *Cine Sercla*, no vizinho bairro de Cajazeiras. A notícia sobre os ingressos só seria dada no final, mas tendo em vista a pouca participação, resolvemos antecipar, como forma de estímulo. Dialogamos de forma breve sobre o filme *Eternos*, da *Marvel Studium*, pontuando os aspectos de diversidade que o mesmo trazia em sua proposta, dando voz a heróis negros, LGBTQs, mulheres e até mesmo pessoa com deficiência.

Sentimos maior receptividade quando os tópicos abordados se referiram aos torcedores ilustres do ECY e seu principal jogador, Apolinário Santana que mesmo, aparentemente, sendo um desconhecido, para aquele público, gerou um ar que denotava interesse, mediante a ênfase que dávamos em nosso discurso. Neste contexto, dois estudantes revelaram aproximação com o ECY: 1 – um estudante, de 17 anos, disse ter atuado nas divisões de base do clube; 2 – uma estudante revelou ter um tio que jogou no time sub-20. Estas revelações se deram após perguntas sobre a relação direta entre eles e o Clube.

Como instrumento para aplicação posterior, disponibilizamos questionário virtual (*plataforma google forms*) com questões diversas sobre a temática, conforme o anexo 1. Apresentamos uma análise no tópico inerente aos resultados da pesquisa. Vale

destaca aqui, que o instrumento foi socializado por meio de grupo de WhatsApp, utilizado como meio de comunicação no período da pandemia pela unidade escolar.

Nos momentos mais próximos do período de intervenção, identificamos que a nova unidade escolar, que está sendo erguida ao lado do CEF, ainda não tem um novo nome definido pelo órgão central de educação. A gestora relatou que há conversas que caminham para diversas possibilidades.

Instigados pelo grupo, surgiu a ideia de que o projeto em questão, na medida em que problematiza a história do ECY em Vila Canária, ao tempo que cedeu o espaço de sua antiga sede, possa ser um norte para sanar este dilema. Dito isto, a convicção de que a intervenção proposta pode servir de apoio e consideração com o trabalho da escola e da comunidade, em conjunto, tem elevado às expectativas sobre a ação pedagógica com os estudantes.

Figura 3 - Entrada antiga e a futura entrada em construção



Fonte: Acervo dos autores.

A intervenção foi concluída com uma série de perguntas sobre as possibilidades de mudança do CEF para o espaço do ACY. As duas principais questões levantadas foram: Questão 1 – “*Vocês acreditam que a mudança de espaço, tendo em vista uma escola mais ampla e equipada, será importante? Por quê?*” Questão 2 – “*Sabendo que a nova escola não tem ainda um nome definido, vocês concordam que o nome escolhido tenha uma correlação com o ECY?*” A maior parte das respostas se deram em coros uníssonos, limitando-se a “sim”, “não” e silêncios. Entretanto, insistindo nas indagações, alguns poucos estudantes manifestaram-se sobre o que pensam. Destacamos quatro momentos, sendo que dois foram relacionados à questão 1 e dois referentes a questão 2.

- Sobre a questão 1:

Estudante 1 / Questão1: *“A mudança será boa, mas a gente não vai está mais aqui na escola para acompanhar”*

Estudante 2 / Questão 1: *“Será um espaço melhor. A gente estudou a vida inteira neste prédio pequeno”*
- Sobre a questão 2:

Estudante 3 / Questão 2: *“Não acho que o nome deva mudar. Eu gosto do nome ‘Filadélfia’. Já acostumei. Estudo aqui a muito tempo.”*

Estudante 4 / Questão 2: *“O nome do jogador “Apolinário” seria bom. Ou escola Clube Ypiranga”.*

Em relação à metodologia deste trabalho, podemos destacar três etapas que delimitamos como fundamentais: 1ª – Revisão e atualização bibliográfica; 2ª – Instrumentos e procedimentos; 3ª – Tratamentos dos dados, análise e interpretação dos resultados. Primeiramente, estabelecemos um processo de revisão bibliográfica, unindo referências do próprio curso em questão e releituras a partir das diversas experiências trazidas de nossos itinerários formativos. O escopo do curso fundamenta-se no estudo das possibilidades metodológicas interdisciplinares e interculturais para o ensino fundamental e médio. Assim sendo, o catálogo de livros, textos e artigos abordaram temas como: filosofia africana, negritude, luta antirracista, decolonialismo, diáspora africana, gestão educacional, didática da educação básica, elaboração do livro didático, interdisciplinaridade e cultura, exuística, práticas pedagógicas etc. Diante das muitas incursões, buscamos ressignificar conteúdos inerentes à juventude, território, conhecimento (auto)biográfico, esporte, relações comunitárias, história do Esporte Clube Ypiranga, história de Apolinário Santana etc. na tecitura com os elementos conceituais da trajetória desta especialização.

Um conjunto de possibilidades se abriu com o movimento de revisão na medida em que nos aproximávamos do campo de pesquisa. A interlocução com a gestão escolar, deu-nos pistas sobre possíveis lacunas na relação entre o ECY e o Colégio Estadual Filadélfia. Em sites de história esportiva e outros portais, tivemos acesso a textos e vídeos diversos, sobre parte do objeto em questão. Não chegamos a consultar bancos de dissertações e teses devido o encurtamento do tempo, porém, entendemos como razoavelmente suficientes, os elementos buscados para justificar a relevância desta pesquisa.

Em seguida, como etapa de consolidação das possibilidades da intervenção pedagógica, refletimos as ferramentas e práticas que sustentariam a ação. Como primeiro produto, esboçamos um projeto de intervenção, mediante orientação da instituição formadora. O documento em questão contém a justificativa, os objetivos, a metodologia, as possíveis situações didáticas e os resultados esperados para a mediação que ocorreu junto à turma do 2º ano do ensino médio. Depois deste momento, elaboramos estratégias didáticas na tentativa de consolidar a atividade proposta. Assim sendo, desenhamos um plano de aula considerando a viabilidade de distribuição do conteúdo, diante do perfil da turma. Reiteremos que o constante diálogo com a gestão escolar abriu nossas perspectivas. Junto a isso, consideramos também a situação de pandemia, diante das limitações para as atividades presenciais de forma plena.

Com o encurtamento dos prazos, instrumentalizamos a prática definindo uma abordagem presencial, em apenas uma das turmas do 2º ano. Distribuímos os tempos didáticos sequenciando os seguintes elementos: história do Esporte Clube Ypiranga, história do jogador Apolinário Santana, relação escola-comunidade, relação ECY – CEF, bem como um debate sobre o deslocamento da unidade para um novo espaço escolar no local que foi do ECY. Utilizamos de recursos textuais, audiovisuais, imagéticos e de interação por via de questões problematizadoras. Em posse de um aplicativo de smartphone, registramos o áudio (e parte em vídeo) deste momento. Estimulamos a participação, sorteando ingressos para o cinema. E posterior a este momento, encaminhamos um questionário semiestruturado, em plataforma *Google Formulário*, com diversas questões inerente à temática discutida.

A análise deste percurso e as reflexões sobre os resultados, ocorreu por via do estudo dos materiais colhidos: o audiovisual e a compilação das respostas do questionário. Esta etapa nos remete à gênese da questão. Isso porque a busca por resposta à pergunta de investigação, necessariamente implicou em acolher a narrativas dos diversos sujeitos que participaram do encontro. Há nisto algo de (auto)biográfico, na medida em que o objeto em questão, diz respeito a história de uma instituição de circundou a história de vida de muitos daqueles estudantes. Então, reforçamos que sustentar elementos a respeito das histórias em questão, e os possíveis vínculos e distanciamentos, passou por um (re)conhecimento de narrativas, não apenas como o meio, mas o lugar: a história de vida acontece também na narrativa.

5 “TÁ LA O CORPO ESTENDIDO NO CHÃO”³: REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA

Como parte os resultados promovidos pela intervenção, vemos que uma parcela da juventude do Colégio Estadual Filadélfia não se identifica com a história do Esporte Clube Ypiranga, e não conhece a história de vida de Apolinário Santana (o *Popó*). Em consequência, há uma lacuna quanto a representação social que o Clube e o seu principal jogador, deixaram como legado. A tabela abaixo, que sistematizamos, expõe uma razoável noção sobre isto:

Tabela 3 - Conhecimento sobre a temática durante a intervenção presencial

ABORDAGENS SOBRE O TEMÁTICA	QUANTIDADE DE ESTUDANTES QUE SE EXPRESSARAM NO MOMENTO DA INTERVENÇÃO
Demonstraram conhecimento geral sobre o ECY.	04 estudantes
Demonstraram conhecimentos específicos sobre o funcionamento do ECY.	02 estudantes
Demonstraram algum conhecimento sobre o jogador Apolinário Santana (o <i>Popó</i>) e os torcedores ilustres do ECY.	Nenhum dos estudantes

Fonte: Compilado pelos autores.

Com o dado sistematizado, analisamos que houve um baixo engajamento quando direcionamos questões específicas aos discentes. Como tivemos a presença de 35 estudantes, esperávamos um volume maior de respostas. Atribuímos a pouca participação ao contexto de finalização do ano escolar, sobrecarregado pelas demandas de conclusão do período letivo (final de novembro). Junto a isso, soma-se a situação de rotinas fragmentadas, devido ao retorno escolar pós período de isolamento social. Neste sentido, parecíamos estar diante de um público que ao mesmo tempo que se sabia amadurecido, caminhando para a última etapa do ensino

³ Expressão utilizada pelo famoso comentarista esportivo Januário de Oliveira, que a pronunciava quando um jogador sofria uma falta e caía no gramado.

médio, por outro lado comportava-se como estranhos a um movimento escolar que não vivenciavam há quase 2 anos, principalmente, mediado por agentes externos.

As narrativas acolhidas no questionário semiestruturado, revelaram de forma razoável que o ECY é conhecido apenas como um espaço esportivo obsoleto, de um time de futebol que existiu no bairro. Concluímos isto a partir das respostas dos poucos estudantes que fizeram a devolutiva das questões: um total de 11 discentes. Somado aos que participaram presencialmente, tivemos uma média de 19 estudantes que se manifestaram diretamente sobre o tema abordado. Com isso, das questões abordadas no formulário Google, duas, em especial, nos chamou a atenção: *“Em que momento a história do Clube lhe chamou a atenção?”* e *“Pensando num nome significativo pra comunidade escolar e a comunidade local, qual nome deveria ser escolhido para ser o novo nome da escola?”*

Tabela 4 - Compilação de duas questões do formulário google

Em que momento a história do Clube lhe chamou a atenção?	Pensando num nome significativo pra comunidade escolar e a comunidade local, qual nome deveria ser escolhido para ser o novo nome da escola?
<ul style="list-style-type: none"> ➤ 7 fizeram menção ao momento em que abordou a história do jogador Apolinário Santana; ➤ 3 fizeram menção à inclusão de pessoas negras; ➤ 1 não respondeu 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ 8 responderam “Apolinário Santana” ➤ 2 responderam “Filadélfia” ➤ 1 responde “Santa Dulce”

Fonte: Compilado pelos autores.

A primeira pergunta revelou que a questão racial (com a projeção do primeiro homem negro no futebol local e nacional) e a própria história de Apolinário Santana, foram os pontos que mais chamou-lhes a atenção. Se até aquele dia o entendimento daqueles discentes era simplório, sobre um Clube de futebol quase extinto que existiu

no bairro, naquele momento ganhou um novo significado, na medida em que a sua história, foi brevemente recontada.

O reconhecimento da importância do ECY para o futebol baiano e nacional, como um objeto de conhecimento, nos pareceu fundamental no processo formativo daquela unidade escolar, tendo em vista não só a manutenção da história do ECY e seus personagens, mas também, como estímulo a um possível resgate de autoestima comunitária.

Em relação à segunda pergunta, mais de 80% dos estudantes que responderam, sinalizando o nome de “Apolinário Santana” como o mais propício para agraciar a nova unidade escolar. Os demais ponderaram para a manutenção do nome “Filadélfia” e alguns apontaram o nome da “Santa Dulce” como o mais propício ao novo prédio, pelo status de torcedora ilustre. Entendemos que a busca por espaços escolares mais significativos deve passar também por este resgate de sentidos, superando as alcunhas de políticos desacreditados pela população, principalmente os que marcam os nomes da maioria das escolas na Bahia. As oligarquias coronelistas do Nordeste, por muitas décadas deixaram estados e municípios desta região refém das famílias de fazendeiros, posseiros de terras, políticos e militares. Somente a partir dos anos 2000, já por reflexo dos avanços da LDB 9.394/1996 e de governos populares, que nomes civis passaram a vigorar de forma mais expressiva nos logradouros e nomes institucionais.

Percebemos, pela avaliação feita em sala de aula e pelo *feedback* dado pela equipe de gestão, que a ação de intervenção foi válida e bem correspondida pelos jovens-participantes do trabalho. O mesmo vale para a apresentação dos resultados da pesquisa na *Jornada Pedagógica 2022*, do Colégio Estadual Filadélfia, a convite da escola. Do ponto de vista pessoal, houve um crescimento substantivo na construção da pesquisa e no aprofundamento do objeto. Juventude, desporto, território e luta antirracista, são elementos indispensáveis ao fortalecimento de vínculos comunitários, principalmente em cenários cujo o conservadorismo neoliberal está em campo, contra-atacando os avanços democráticos.

A abordagem empreendida sugere o quanto o trabalho pôde colaborar com os índices educacionais, na medida em que o objeto em questão foi entendido como um elemento interdisciplinar, capaz de estimular os processos formativos por via de uma política de sentidos, e não apenas por um currículo fragmentado. Nisto também, a interculturalidade é salutar, na medida em que potencializa os sujeitos escolares,

considerando os seus limites e possibilidades, e aludido a sua trajetória através de processos emancipatórios paradigmáticos. Importa dizer que esta intervenção implicou, diretamente, uma demanda de resgate da história e cultura afro-brasileira, como proposto na Lei 10.639/2003, bem como a Lei 11.645/2008. Tais dispositivos, como já abordados neste trabalho, favorecem o ensino e a aprendizagem que colocam as histórias de vidas das pessoas negras (africanas ou afro-brasileiras), no roteiro principal das demandas formativas, para além do espaço folclorizado que ainda vigora.

Por fim, destacamos que a frase “*tá lá o corpo estendido no chão*” é um jargão que remete ao saudoso narrador esportivo, falecido em maio de 2021, Januário de Oliveira, excêntrico em suas locuções, e que a pronunciava quando um jogador sofria uma falta e caía no gramado. Esta mesma expressão, ganha sentido quando utilizada também por Aldir Blanc na música *De Frente Pra o Crime*, parceria dele com o músico João Bosco. Na canção, o corpo, de fato, era de alguém que morreu, provavelmente um homem negro, morador de favela morto pela polícia ou pelo tráfico, violência esta revelada em dados da população negra, que discutimos em outro capítulo.

Já na localidade de Vila Canária, bairro da periferia de Salvador, há a reconstrução de um espaço, que foi sede do time mais querido da cidade. Nele, há uma história de lutas e de glórias, principalmente de corpos de pessoas negras que pela primeira vez no Brasil, conseguiram ingressar em um clube de futebol profissional. Naquele território, resiste – “*estendida no chão*” – a memória de um jogador negro que inspirou a história de outros tantos.

Referências

AMARAL-ROSA, Marcelo. *et al.* **Interdisciplinaridade**: experiência com os estudantes de ensino médio sobre sustentabilidade. *Experiências em Ensino de Ciências*. V.15, No.3. 2020.

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2001.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: junho, 2005.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. – 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/?id_noticia=2170. Acesso em: dez/2021.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CAVALCANTE, Cleison. **A palavra tem poder. Poesia Inédita**. Arquivo Pessoal, 2019.

CAVALCANTE, Cleison. Trabalho de Conclusão de Curso. **A PALAVRA TEM PODER: A “POESIA MARGINAL” COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E DENÚNCIA DA JUVENTUDE NEGRA SOTEROPOLITANA**.

CARRANO, Paulo César R; DAYRELL, Juarez. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Disponível em: http://formacaoredefale.pbworks.com/f/Jovens+no+Brasil_Dif%C3%ADceis+Travessias_Paulo+Carrano.pdf. Acesso em: Dez/2021.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo. In: IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática.

GROPPO, L. A. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas**. Revista de Educação do Cogeime, São Paulo, Ano. 13, n. 25, p. 9-22, dez. 2000. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/629>. Acesso em: dez/2021.

FAZENDA, Ivani. **Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**: efetividade ou ideologia. 4. d. São Paulo: Edições Loyola, 1996(1979)

FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FAZENDA, Ivani. **O que é Interdisciplinaridade?**, São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani. (org.). **Didática e Interdisciplinaridade**, São Paulo, Papirus, 1998.

FAZENDA, Ivani. **A Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública**. Ano 15, 2021.

GERALDO, Moisés Ferreira. **A Construção da identidade de jovens negros, no bairro de Palmital em Santa Luzia, Minas Gerais**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A4LHYP/1/disserta__o_mois_s.pdf. Acesso em: out/2021.

GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: < <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1/articles/gomes.pdf> > Acesso em: Janeir/2021.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11 edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **IDEB, 2019**. Brasília: MEC, 2019.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica Estadual 2019**. Brasília: INEP, 2020.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano. CANDAU, Vera Maria (org). **A didática em questão**. 9ª ed. Editora Vozes: RJ, 1983.

LUCK, Heloísa. **Dimensões da Gestão Escolar e suas competências**. Editora Positivo: Curitiba, 2009.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOYA, R. **Formación de maestros e interculturalidad**. In: CUENCA, R.; NUCINKIS, N.; ZAVALA, V. (comps.). **Nuevos maestros para América Latina**. Madrid: Morata, 2007, p. 229-258.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C.; BITENCOURT, B. M. **Juventudes, gerações e trabalho**: é possível falar em geração y no Brasil? Revista Organização e Sociedade, Salvador, v. 19, n. 62, p. 551-558, 2012. Acesso em: jan/2022.

OLIVEIRA, Luiz Otávio Abrantes de. **Popó: o craque do povo**. GangulaFC, 2020. Disponível em: <https://www.gandulafc.com.br/fut-retro/1176-popo-o-craque-do-povo>. Acesso em: jan/2022.

SANTOS, W. P. dos; LISBOA, W. T. Tendências Psicossociais e de Consumo da Geração Z e as Influência dos “nativos digitais” na Comunicação Organizacional. **Congresso Internacional de Consumo e Comunicação**. São Paulo, 2013. Disponível em: Acesso em: jan/2022.

SINHÁ Moça. Direção Benedito Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: TV Globo, 2006.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; **De olho na cultura!: pontos de vista afro-brasileiros**. CEAO-UFBA: Brasília, 2005.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Dados gerais. Salvador: SEI, 2019. Disponível em: <https://dados.gov.br/dataset/base-de-dados-sei>. Acesso em: jan/2022.

TARDIF, M. **Saberes docentes e docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Anexos

ANEXO 1 - QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMULÁRIO

- Em que momento a história da do clube chamou sua atenção?
- Que nota você atribui para nossa aula de intervenção?
- O que o Colégio Estadual Filadélfia é pra você? Lembre-se que não é só o colégio em si, é tudo que ela te proporcionou! Obs. Defina em uma palavra ou frase.
- Qual o significado do nome do Colégio Filadélfia? Sem pescar, o que vem a mente ou o que já estudou sobre. Esse nome te representa?
- Sabendo que a nova escola não tem ainda um nome definido, vocês concordam que o nome escolhido tenha uma correlação com o ECY?
- Vocês acreditam que a mudança de espaço, tendo em vista uma escola mais ampla e equipada, será importante? (Pensando no terceirão, o ano que vai marcar sua vida, é o ano de despedida escolar, inserção a vida universitária, ou não... Mas é uma decisão de vida profissional e futuro!)
- Se pudesse usar o espaço escolar nos fins de semana, com a comunidade e juventude de vila canária, o que pensaria em fazer no novo espaço escolar?
- Vamos fofocar?! Vamos! você, que mora ou não no bairro, porém conhece bastante o bairro da escola... Me diz uma coisa; o que comunidade local tem falado ou pensado sobre o novo projeto de escola?
- Deixe sua avaliação, sugestão ou crítica.

ANEXO 2 - REGISTROS FOTOGRÁFICOS



Encontro de planejamento da proposta de intervenção, junto à gestão escolar. Sentada à mesa a diretora Flávia. Em pé, do lado esquerdo a vice-diretora Rita. Neste apresentamos o escopo da proposta e consolidamos uma agenda de trabalho.

Em 2019, o Colégio Estadual Filadélfia funcionou por 6 meses no espaço do ECY, por causa de uma agenda de reformas no prédio alugado que funciona até os dias atuais. Estávamos como coordenador pedagógica da Unidade e fizemos este registro da piscina semiolímpica. Os equipamentos esportivos não serão retirados, e farão parte da nova escola que está sendo erguida neste espaço, segundo informações do governo.



ANEXO 3 - REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Momentos diversos da intervenção em sala de aula



ANEXO 4 - REGISTROS FOTOGRÁFICAS

Estrutura em construção da nova escola.



ANEXO 5 - REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Apolinário Santana (o Popó)



Fonte: <https://www.fernandomachado.blog.br/novo/de-volta-para-o-passado-2166/>

